

Poços d'aguas perenes e pescarias por finguimento

Irineu Pinheiro

Na "Revista do Instituto do Ceará", tomo LIV, ano LIV, escreveu Tomaz Pompeu Sobrinho : «Os largos leitos dos rios sertanejos, forrados de espessas camadas de areias e cascalhos são, aqui e ali, transversalmente cortados por diques de rochas muito duras (pegmatites, diábase, quartzites), mais ou menos aflorantes. Estes diques funcionam como barragens subterrâneas. Daí resultam os célebres poços dos leitos dos rios, quando já não defluem, assinalando trechos descobertos do lençol aquífero, normalmente oculto nas areias. Nos rios médios e pequenos, este aspecto ainda persiste, porem se vai atenuando à proporção que se amesquinham as seções transversais do leito. Esta circunstância permite, por todo o interior, o suprimento mais ou menos regular e abundante de agua para as populações e respectivas criações.»

No rio Salgado, no dos Carás, no Crato, o riacho do Jenipapeiro, que limita o município de Missão-Velha do de Aurora, etc., veem-se poços perenes, fixadores de populações.

Em seu derredor, sempre maior o índice demográfico do que em outros lugares afastados dele.

Abastecem o casario próximo, que, às vezes, mais parece um arruado, são esplêndidas aguadas para o gado grosso e o miudo;

nas suas margens planta-se o fumo, o feijão, o capim, a cana de açúcar, a batata, etc.

Quando altos os barrancos, derribam-nos, rampeiam-nos à enxada, formam verdadeiros canteiros para a cultura agrícola.

No rigor das estiadas, comprazem-se os olhos em admirar as manchas intensamente verdes dessas *beiras-de-rio* no meio da paisagem cinzenta característica dos nossos verões.

Poderia ser um dos fatores mais notáveis de combate às secas periódicas o aproveitamento racional do conteúdo desses utilíssimos depósitos aquíferos.

Ao lado deles, nos anos escassos de chuvas, morrem de sede os plantios de arroz, de milho, de feijão, etc.

Para salvar as roças ameaçadas pelas secas, bastaria sentarem-se bombas, que elevassem a água para a irrigação de terrenos sequiosos do líquido que nos é a vida.

Em Missão-Velha já se montaram máquinas nos poços do Salgado e se estão a regar terras, há pouco incultas, hoje revestidas de magníficos canaviais.

Não faz muito tempo, vi um desses maquinismos a uma meia legua da cidade, no lugar Cachoeira, onde as águas do Salgado, no inverno, se despenham de uma altura de vários metros, num grande estrondo.

Por curiosidade, digamos que em 1858 pretendeu o governo do Dr. João Silveira arrasar esse salto do rio.

Em 27 de Agosto daquele ano, sancionou o Dr. Silveira uma lei, cujo artigo único rezava: «O Presidente da Província fica autorizado a mandar orçar a obra de arrasamento da Cachoeira de Missão-Velha, no município do Crato, e despende com ela até a quantia de 500\$000 réis; revogadas as disposições em contrário.»

Cabe às administrações cearenses a iniciativa de assentamentos de bombas nesses reservatórios dos nossos rios e riachos, de fazê-las funcionar, de vendê-las depois aos proprietários por preços módicos e a prazo longo.

Nos fins de ano costumam *tinguijar* os poços para pescarias.

Tenho assistido mais de uma vez ao original processo de pesca por *tinguijamento*. Original e nocivo, por que mata, indistintamente, os peixes grandes e pequenos.

De manhã, muito cedo, antes do nascer do Sol, entram no rio os pescadores, cada qual a levar na mão esquerda uma cuia cheia d'água com raspas de raiz do *tingui capeta*, a agitar com a mão direita a mistura até fazê-la espumar.

Atiram depois na superfície dos poços a espuma, semelhante à do sabão, espalhando-a cuidadosamente.

Alguns dos pescadores caminham de vagar, a água a atingir-lhes a cintura, o peito; outros, numa rápida braçada, num nado cur-

to, sempre a cuia à mão esquerda, atravessam uma parte mais funda para *tomarem pé* logo adiante.

Após uma hora, mais ou menos, começa o peixe a *beber* e a *embebedar-se*, isto é, a envenenar-se.

Pegam-no à mão, ou em landuás, vasilhas formadas por um arco de *cipó-de-rego*, de uns cento e oitenta centímetros de circunferência, ao qual se prende uma rede de malhas à maneira das de uma tarrafa. Essa rede, que é afunilada e feita com fios de algodão, mede cerca de meio metro de profundidade.

Entre os habitantes desses poços do Sul do Ceará, veem-se as terribilíssimas piranhas, as quais, no entanto, parece-me, não possuem a ferocidade das que vivem em outras regiões do Brasil.

Nas águas do Jenipapeiro, por exemplo, são raríssimas as pessoas por elas mordidas.

Não se deve confundir o *tingui capeta*, no dizer popular, ou *tingui glabrata* cientificamente, uma árvore de porte elevado, pertencente à família das berberídeas, com o arbusto do mesmo nome, muito nocivo ao gado, que dele se alimenta na época das estiagens.

No tempo do verão, nos lugares onde há o *tingui* arbústeo, tratam os vaqueiros as reses com a máxima precaução, evitando-lhes as *carreiras*.

Qualquer movimento violento basta para que elas, as reses, caiam fulminantemente mortas.

Na primeira década deste século costumavam muitos cratenses, anualmente, assistir ao *tinguijamento* dos poços do rio Cariuz, em Quixará, distante do Crato cerca de doze leguas.

Partiam a cavalo, de madrugada, em caravanas, a conversarem alegremente, a gozarem a suavidade da noite, a admirarem a Lua, que, no céu, parecia correr por entre os rasgões das nuvens suspensas no espaço.

As pescarias de Quixará eram um pretexto para certos divertimentos: danças de quadrilhas e valsas, jogos de *lu*, de espadilha, de bacará e lasquiné durante o dia e a noite.

Franca a comida, as mesas sempre postas à disposição dos visitantes.

Uma feita, dançou-se até o alvorecer, à hora da partida dos hóspedes para o Crato.

Na sala do baile, em meio aos que valsavam, alguns havia já calçados com as botas *russianas*, a que se prendiam esporas de prata.

Em frente da casa da festa, na rua, os cavalos selados esperavam pacientemente, uns bem firmados nas quatro patas, outros a descansar uma das pernas, um pouco curvada, apenas a ponta do casco a ferir o chão.

Nos quatro ou cinco dias passados em Quixará, gastavam-se na hospedagem dos excursionistas uns sete a oito contos de réis,

pagos com o barato que era cobrado, impreterivelmente, aos jogadores que ganhavam qualquer parada. Uma espécie de multa a que se submetiam de bom grado.

Ao terminarmos este capítulo, digamos que a presença de pessoas de *mau olhado*, ou de mulheres grávidas, pode prejudicar a pescaria, no pensar do nosso homem do interior.

Para evitar o dano, será necessário que o adventício colabore na operação, sacudindo no poço uma pouca de *tinguê*.

Julga o sertanejo que será bom nadador quem engulir o *fôlego* de um peixe, que é a bexiga natatória deste.

Há, também, um meio simples do matuto se tornar hábil *tirador* de abelhas: comer a rainha de um cortiço, a abelha mestra, como dizem.

Quem quiser ser ótimo escopeteiro, deverá matar uma das nossas mais lindas aves, o beija-flor, e trincar-lhe o coração ainda palpitante.

Serão os fatos que acabamos de relatar, reminiscências dos costumes dos nossos íncolas?

O padre Luiz Figueira, citado por Capistrano de Abreu no livro "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", garante que «os índios não comiam certa qualidade de veados para não ficarem medrosos».

Registemos que se consideram as aguas dos poços *tinguêjados* abortivas para as vacas.

(De um livro inédito sobre o Cariri)

(Transcrito do "boletim mensal" do "Rotary Club do Crato", ano V, n.º. 4.)
